

RELÓGIO D'ÁGUA

GABRIEL
TALLENT
O MEU AMOR
ABSOLUTO



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

MY ABSOLUTE DARLING by Gabriel Tallent
Copyright © 2017 by Gabriel Tallent.
Publicado por acordo com o autor.
Todos os direitos reservados.

Título: O Meu Amor Absoluto
Título original: *My Absolute Darling* (2017)
Autor: Gabriel Tallent
Tradução: Vasco Gato
Revisão de texto: Joaquim E. Oliveira
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, fevereiro de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-835-9

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 438092/18

Gabriel Tallent

O Meu Amor Absoluto

Tradução de
Vasco Gato

Ficções

UM

A velha casa está aninhada na sua colina, com tinta branca a descascar-se por todo o lado, janelas salientes e balaustradas de madeira cobertas de roseiras trepadeiras e sumagreiras venenosas. As vergõntas das rosas levantaram ripas que pendem agora emaranhadas nas varas. O caminho de saibro está atulhado de invólucros gastos, recobertos de verdete. Martin Alveston sai da *pick-up* e, sem olhar por cima do ombro para Turtle, que está sentada no habitáculo, percorre o alpendre com as suas botas de combate a ressoarem surdamente pelo tabuado, um homem corpulento de camisa de flanela e Levi's que vai abrindo as portas corrediças de vidro. Turtle fica à espera, escutando o ralenti do motor, e depois segue atrás dele.

Uma das janelas da sala de estar tem a entaipá-la uma chapa metálica e um centímetro de contraplacado, aparafusados à moldura e cobertos com alvos de espingarda. A dispersão de tiros é tão cerrada que parece que alguém encostou uma caçadeira de calibre 10 aos alvos e lhes rebentou os centros; as balas cintilam nas suas covas irregulares como água no fundo dos poços.

O pai põe uma lata aberta de feijões Bush's em cima do velho fogão e risca um fósforo no polegar para acender o bico que vacila e ganha lentamente vida numa chama cor de laranja que contrasta com as paredes escuras de pau-brasil, os armários sem verniz, as ratoeiras besuntadas de gordura.

A porta das traseiras, situada na cozinha, não tem fechadura, apenas os buracos para o puxador e o cadeado, e Martin abre-a ao pontapé e sai para o alpendre inacabado das traseiras, cujos barrotes sem tábuas surgem repletos de lagartos e entrançados de amoreiras, por entre os quais se erguem cavalinhas e a hortelã, tenra, com a sua estranha penu-

gem de pêssego e fedor a azedo. De pernas abertas sobre os barrotes, Martin retira a caçarola das ripas estaladas onde a pendurara para que os guaxinins a lambessem até ficar limpa. Abre a torneira com uma chave-inglesa ferrugenta e surra o ferro fundido com água, arrancando punhados de cavalinhas para esfregar os pontos problemáticos. Depois vai para dentro, pousa-a no bico do fogão e a água desata a assobiar e a rechinar. Abre o frigorífico verde-azeitona sem luz, tira dois bifés envoltos em papel pardo do talho, saca da sua faca de cinto Daniel Winkler, limpa-a à coxa das Levi's e espeta a ponta em cada um dos bifés para os atirar separadamente para a caçarola.

Turtle salta para a bancada da cozinha: tábuas granulosas de pau-brasil, pregos rodeados de marteladas antigas. Pega numa Sig Sauer que estava no meio das latas usadas e puxa atrás a corredeira para ver o metal que se aconchega na câmara. Aponta a pistola e vira-se para ver como ele encara a situação, e ele mantém-se de pé, com uma manácula encostada aos armários, esboçando um sorriso cansado, sem olhar.

Quando ela tinha seis anos, ele mandou-a vestir um colete salva-vidas para servir de amortecedor, disse-lhe para não tocar nos invólucros ejetados que estavam quentes e iniciou-a numa Ruger .22 de ferrolho, sentada à mesa da cozinha, a amparar a arma numa toalha enrolada. O avô, que terá ouvido os disparos ao regressar da garrafeira, apareceu de calças de ganga, roupão turco e chinelos de cabedal com pequenas borlas do mesmo material, e, estacando na entrada, disse: «Porra, Marty.» O pai de Turtle, que estava sentado numa cadeira ao lado dela a ler *Investigação sobre os Princípios da Moral* de Hume, pôs o livro virado ao contrário na coxa para o marcar e disse: «Vai lá para o quarto, croquete», e Turtle subiu as escadas rangentes, sem corrimão nem espelhos dos degraus, os pisos feitos com tábuas tiradas de um nó de pau-brasil, traves de floresta primária estaladas e abauladas com parco tratamento, cuja torção ia extirpando os pregos dos pisos, postos à mostra e deformados num quase cisalhamento, os homens calados lá em baixo, o avô a observá-la, Martin a acariciar a inscrição dourada na lombada do livro com a polpa do indicador. Apesar de deitada lá em cima na sua cama de contraplacado e tapada com o saco militar, Turtle conseguiu ouvi-los, o avô a dizer: «Porra, Martin, isto não é maneira de se criar uma menina» e o pai longamente calado para logo dizer: «Estamos em minha casa, não te esqueças, Daniel.»

Os dois vão comendo os bifés quase em silêncio, com os copos altos de água a depositarem camadas de areia no fundo. Um baralho de car-

tas jaz entre os dois sobre a mesa, com um bobo na embalagem. Tem uma das faces contorcida num sorriso de louco, a outra descaída numa careta. Assim que termina, ela empurra o prato para a frente enquanto o pai a observa.

É alta para os seus catorze anos, com uma compleição desengonçada, pernas e braços compridos, ancas e ombros largos, apesar de esguios, pescoço comprido e retesado. Os olhos constituem o seu traço mais marcante, azuis e amendoados num rosto muito magro, com maçãs do rosto amplas e pronunciadas, e uma boca arqueada e cheia de dentes: um rosto feio, como ela bem sabe, e invulgar. O cabelo é grosso e louro, com madeixas descoloradas pelo sol. Tem a pele constelada de sardas castanho-acobreadas. As palmas das mãos, a parte inferior dos antebraços e a face interna das coxas ostentam emaranhados de veias azuis.

— Vai lá buscar a tua lista de vocabulário, croquete — diz Martin.

Ela tira o caderno azul da mochila e abre na página dos exercícios de vocabulário da semana, que copiou cuidadosamente do quadro. Ele pousa a mão no caderno, puxa-o para junto de si ao longo da mesa. Põe-se a ler a lista. — «Flagrante» — diz, olhando para ela. — «Castigar.» — Vai descendo assim a lista, até que diz: — Cá está. Número um. «O *espaço* gostava de trabalhar com crianças.» — Roda o livro e devolve-o a deslizar pela mesa. Ela lê:

1. O _____ gostava de trabalhar com crianças.

Lê a lista inteira, estalando os nós dos dedos dos pés contra as tábuas do soalho. O pai fita-a, mas ela não sabe a resposta. — «Suspeito», talvez seja «suspeito» — diz ela. O pai ergue os sobrolhos e ela preenche a lápis

1. O suspeito gostava de trabalhar com crianças.

Ele arrasta o livro pela mesa e olha. — Ora bem — diz —, agora olha aqui para o número dois. — Faz deslizar o livro novamente para junto de Turtle e ela olha para o número dois.

2. Eu _____ que chegaremos atrasados à festa.

Ao ouvi-lo respirar pelo nariz partido, acha insuportável cada uma dessas respirações pelo *amor* que lhe tem. Detém-se no rosto dele, em

cada pormenor, pensando ao mesmo tempo, sua cabra, tu és capaz, sua cabra.

— Olha aqui — diz ele —, olha aqui — e saca-lhe o lápis da mão e, com dois hábeis traços, risca *suspeito* e escreve *pediatra*. Depois faz deslizar o livro para junto dela e diz: — Croquete, qual é o número dois? Acabámos de rever essa questão. Se tivesse dentes, mordia-te.

Ela olha para a folha, que é aquilo que absolutamente menos importa naquela sala, estando o seu pensamento tomado pela impaciência dele. Ele parte o lápis ao meio, coloca ambos os pedaços à frente do caderno. Ela debruça-se sobre a folha, a pensar, estúpida, estúpida, estúpida, não prestas para nada. Ele roça as unhas na barba rala. — Tudo bem. — Vergado pelo cansaço, passando o dedo pelo refugo de sangue que tem no prato. — Tudo bem, não faz mal — diz, lançando com as costas da mão o caderno que vai a voar pela sala de estar. — Tudo bem, não faz mal, por esta noite basta, já chega... mas qual é o teu problema? — Depois, abanando a cabeça: — Esquece, está tudo bem, já chega. — Turtle fica calada, com o cabelo desgrenhado à roda da cara, e ele solta o maxilar e desloca-o para a esquerda como se estivesse a testar a articulação.

Estendendo o braço, coloca a Sig Sauer à frente dela. Depois pega no baralho de cartas que estava em cima da mesa, lança-o para a outra mão. Vai até à janela entaipada, põe-se junto dos alvos cravejados de balas, desenhencilha o baralho da embalagem, tira o valete de espadas e levanta-o ao lado do olho, mostrando-lhe a parte da frente, a parte de trás, a carta de perfil. Turtle permanece sentada, com as mãos estateladas na mesa, a olhar para a pistola. — Não sejas medricas, croquete — diz ele, completamente imóvel. — Estás a ser medricas. Estás armada em medricas, croquete?

Turtle levanta-se, firma os pés, alinha a maça de mira com o olho direito. Percebe que a mira está alinhada assim que a ponta surge fina como uma lâmina — se a pistola se inclinar para cima, verá um brilho revelador vindo da superfície superior da mira. Confirma que a ponta se reduz a uma linha fina e nua, ao mesmo tempo que pensa, cuidado, cuidado, miúda. De perfil, a carta equivale a um alvo com a espessura de uma unha de polegar. Alivia a folga do gatilho de dois quilos, inspira, expira ao sabor do afrouxamento natural da respiração e avança esses dois quilos. Dispara. A metade superior da carta cai a rodopiar em espiral, como uma semente de ácer. Turtle permanece imóvel, com exceção de uns tremores em cascata pelos braços abaixo.

Ele abana a cabeça, com um ligeiro sorriso que tenta disfarçar, e passa secamente o polegar pelos lábios. Depois pega noutra carta e levanta-a.

— Não sejas medricas, croquete — diz ele, pondo-se à espera. Como ela não se mexe, diz: — Porra, croquete.

Ela verifica o cão com o polegar. Há uma sensação específica de se segurar bem numa pistola e Turtle vai peneirando essa sensação em busca de qualquer anomalia, com a ponta da alça de mira a tapar a cara dele e o ponto reluzente da mira, verde como trítio, do tamanho do olho dele. Por um instante suspenso, em que a pontaria acompanha a sua atenção, o olho azul dele encima o horizonte fino e plano da maçã de mira. O estômago dela sofre uma guinada e sucumbe como um peixe que mordeu o anzol e vai parar às urtigas, e ela fica parada, retirando toda a folga do gatilho, pensando, merda, merda, pensando, não olhes para ele, não olhes para ele. Se o pai a vê para lá da mira, não dá sinais disso. Circumspecta, Turtle faz coincidir a mira com a carta que treme desfocada. Expira ao sabor do afrouxamento natural da respiração e dispara. A carta não se mexe. Falhou. Vê a marca na tábua do alvo, a um palmo dele. Solta o cão e baixa a pistola. Tem nas pestanas um suor rendado e luminoso.

— Tenta lá fazer pontaria — diz ele.

Ela fica completamente quieta.

— Vais tentar outra vez ou quê?

Turtle volta a engatar o cão e leva a pistola da anca para o olho dominante, as miras alinham-se, rasgos homólogos de luz entre a maçã e a alça de mira, a ponta tão firme que seria possível equilibrar uma moeda ao alto da mira dianteira. A carta, por seu turno, vai oscilando ao de leve para cima e para baixo. Uma tremura evidente que responde ao batimento cardíaco dele. Não olhes para ele, pensa ela, não olhes para a cara dele. Olha para a maçã de mira, olha para a ponta superior da maçã de mira. No silêncio que se segue ao disparo, Turtle solta o gatilho até ouvir um clique. Martin vira a carta incólume que tem na mão e inspeciona-a ostensivamente. — Justamente aquilo que pensei — diz, atirando a carta para o soalho, regressa à mesa, senta-se à frente dela, pega num livro que deixara aberto e virado para baixo na mesa, e debruça-se sobre o mesmo. Na janela entaipada atrás de si, os buracos de bala formam um aglomerado que seria possível tapar com uma moeda.

Ela fica parada a observá-lo durante três pancadas cardíacas. Retira o carregador, ejeta a bala que tinha na câmara e apanha-a com a mão,

tranca novamente a corrediça e pousa a pistola, o carregador e o invólucro na mesa, ao lado do seu prato sujo. O invólucro descreve um arco amplo com um som de berlinde. Ele humedece um dedo e vira a página. Ela fica à espera de que ele olhe para si, mas ele não levanta os olhos, e ela pensa, mais nada? Sobe para o seu quarto, que o revestimento de madeira sem verniz obscurece, com as trepadeiras das sumagreiras venenosas a infiltrarem-se pelos caixilhos e pela moldura da janela ocidental.

Nessa noite, Turtle fica à espera na sua plataforma de contraplacado, debaixo do saco-cama e dos cobertores de lã verde do exército, ouvindo as ratazanas a roerem os pratos sujos que estão na cozinha. De vez em quando ouve o *claque claque claque* de uma ratazana que se agachou numa pilha de pratos para coçar o pescoço. Ouve Martin a andar de divisão em divisão. Postas em cabides de parede, a sua Lewis Machine & Tool AR-10, a sua Novesake AR-15 e a sua Remington 870, uma caçadeira *pump* de calibre 12. Cada uma corresponde a uma filosofia de uso diferente. A roupa está dobrada com esmero nas prateleiras, as meias guardadas numa arca aos pés da cama. Certa vez, deixou um cobertor por dobrar e ele queimou-o no quintal, tendo dito: «Só os animais é que dão cabo da própria casa, croquete, só os *animais* é que dão cabo da porra da casa.»